

# Moysés Eizirik: médico e memorialista (ou vice-versa)

## IEDA GUTFREIND

Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP), professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Vice-presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), Porto Alegre.

**EM 12 DE MAIO DE 2011, AOS 92 ANOS, FALECEU, EM PORTO ALEGRE, O DOUTOR Moysés Eizirik. As comunidades judaicas gaúchas perderam um líder comunitário e o criador de partes da sua história.**

Até a publicação, em 1984, de *Aspectos da vida judaica* e, em 1986, de *Imigrantes Judeus: relatos, crônicas e perfis*, ambos escritos por Eizirik, a produção de estudos sobre a chegada e o estabelecimento de judeus no estado sulino era esparsa e sem continuidade. Salvo alguns parágrafos ou artigos sobre a colônia judaica Philipppson<sup>1</sup> e a imensa gleba de terras de Quatro Irmãos, nada mais havia sido traduzido. Um resumo do volume publicado no final da década de 1950 trazia informações sobre a origem e a evolução da comunidade judaica da capital.<sup>2</sup>

Nos anos seguintes, décadas de 1960/70, uma série de artigos na imprensa gaúcha procurava responder “qual a significação em termos amplos da existência da colônia israelita na coletividade gaúcha?”<sup>3</sup> Durante algum tempo, o canal informativo sobre os judeus continuou sendo a imprensa.<sup>4</sup>

A partir de 1970, teve início a publicação das memórias dos filhos de pioneiros judeus, que recuperaram, especialmente, a vida nas colônias agrícolas.<sup>5</sup>

No entremeio destas memórias, em 1984, foi publicado o primeiro livro de Eizirik, acima identificado<sup>6</sup> e, dois anos após, *Imigrantes judeus: relatos, crônicas e perfis*.<sup>7</sup>

Em um clima generalizado, os anos de 1980 foram de grande significação, houve como que um despertar mundial de consciências que se voltaram para a preservação da história de grupos minoritários, fossem de ordem política, religiosa, cultural, mas, sobretudo, étnica. Os produtores de História rebelaram-se contra os cânones que afirmavam que seu espaço de atuação residia no passado. Embora continuassem com seus olhos voltados aos tempos idos, começaram a investigar o presente, alargaram seu universo de fontes de pesquisa, elegeram a oralidade, o testemunho a ser ouvido, conferido, analisado e criticado. Nesse movimento mundial, vencidos passam a ter voz, minorias passam a categorias históricas. O estudo das etnias avultava em importância, e esse clima também se instaurou no Rio Grande do Sul.

A comunidade judaica gaúcha ingressou neste roldão sociointelectual, fundando o Instituto Cultural Judaico Marc Chagall e recolhendo histórias pessoais e institucionais, e Eizirik, por sua vez, respondeu ao chamado, tornando-se o representante da renovação e da construção da história de uma minoria étnica sediada no Rio Grande do Sul – os judeus.

Esse apanhado acerca da produção histórica sobre os judeus no estado sulino e a significação, destacando a cultura ocidental da década de 1980, permite afirmar que as obras de Eizirik acima identificadas ocupam um lugar privilegiado na historiografia de cunho étnico no Sul. São obras indicadoras de uma clivagem com o período anterior, que foram fundantes na construção da história deste grupo étnico.

Eizirik, em sua função de historiador, acoplada à de memorialista étnico, criou um método de trabalho: levantou critérios, dentre estes a faixa etária das pessoas a serem entrevistadas, pois lhe interessavam os pioneiros, os criadores das instituições; selecionou pessoas-fonte, entrevistou-as, recorreu a documentos institucionais, especialmente as atas, buscou documentos pessoais, vasculhou arquivos locais, nacionais e estrangeiros para redigir suas obras; viajou ao interior do Estado para conhecer de perto as comunidades ainda ativas, seguindo a estratégia de coletar depoimentos de pioneiros e recuperar a história dos judeus não apenas da capital.

Em depoimento, Eizirik relatou a dificuldade em realizar suas pesquisas: a fase de contatar as pessoas, agendar, conciliar o seu horário profissional com o do pesquisador e, mais que tudo, o alcance e o controle do recurso da oralidade, pois prescindiu do gravador, e as etapas que seguiam “a condição da fala” foram difíceis, até tornarem-se documentos escritos fidedignos; a datilografia e suas correções demandavam tempo, mas Eizirik tinha consciência de que realizava algo que valia a pena.

Em *Aspectos da vida judaica*, partiu do geral para o particular; enfocou, nas páginas iniciais, o processo da imigração judaica, o estabelecimento do grupo, a criação das suas instituições comunitárias. O autor foi além da reconstrução da história dos judeus em Porto Alegre; transitou pelo interior do Estado, levantando subsídios sobre as comunidades que se formaram no interior. Preocupou-se em recuperar os costumes, as tradições mantidas, as atividades econômicas e profissionais, além de localizar geograficamente as comunidades.

O livro seguinte, *Imigrantes judeus: relatos, crônicas e perfis*, embora estabeleça uma diferenciação em relação ao anterior através do subtítulo, mantém uma estrutura interna coerente; inicia com relatos, trata de temas variados, mas todos se arti-

culam a um fio condutor centrado nos judeus estabelecidos no Rio Grande do Sul. Na ampla gama, abarca desde os povoadores açorianos que se radicaram no estado, levantando a possibilidade da presença de cristãos-novos, até a enumeração dos vários locais de origem dos judeus que imigraram para o estado, destacando as diferenças existentes entre eles. Os bairros que os judeus elegeram para se estabelecer, os locais de lazer privilegiados, o comércio que desenvolveram, a importância da *Jewish Colonization Association* e as comunidades interioranas são temas enfocados. Nesta segunda obra, Eizirik, transpondo os muros étnicos da sua temática, aventura-se em localizar instituições de fora da comunidade, destacando suas ligações com os judeus. Finalizou a obra, uma vez mais, destacando os perfis de judeus que se destacavam no interior e também fora da comunidade. Apresentava os seus patrícios para a sociedade maior, enfatizando seus méritos.

Em 2007, Eizirik publica sua terceira obra – *Memórias da vida judaica: personagens, episódios e instituições gaúchas*.<sup>8</sup> No volume, o autor amplia informações sobre as instituições judaicas de Porto Alegre, abrindo o leque institucional para identificar as laicas, as religiosas, as educacionais, as sociais, as esportivas, as beneficentes e as culturais, destacando seus líderes no momento. História sobre os programas radiofônicos da comunidade, biografia, uma vez mais, personagens que se destacam intragrupo, algumas comunidades do interior são elencadas, bem como as profissões e atividades nas quais os judeus salientaram-se. Aspecto original do livro são os provérbios judaicos e os apelidos em *ídiche* dos primeiros imigrantes judeus que o autor enumerou.

Em cada uma das obras, Eizirik redigiu um glossário, deixando o conteúdo do seu estudo ao alcance de todos interessados.

Além das obras acima, escreveu vários artigos sobre múltiplos assuntos e uma biografia de Oswaldo Aranha, lançada em 1985, atendendo a uma solicitação do presidente da Federação Israelita de São Paulo.

Destacou-se aqui o pesquisador Moysés Eizirik, considerando-o o cronista da história dos judeus no Rio Grande do Sul; porém, ele foi um homem de muitas facetas. Se ele via o papel de construtor da história judaica no Sul como um *acaso*, o que pode ser contrariado, o de médico, como sua profissão, foi uma escolha consciente. O papel de líder comunitário e o de colaborador na imprensa, aparentemente distanciados, mostram-se interligados no evoluir da sua biografia.

O menino travesso que recebeu o nome de Moysés, nascido em Porto Alegre em 02 de janeiro de 1919, ainda com pouca idade foi levado por seu pai à *ídiche schule*, que funcionava junto à sinagoga, pois ele incomodava em casa e sua mãe estava doente. Mesmo dormindo no recinto escolar grande parte do tempo, sabia as respostas que o professor solicitava aos seus alunos. Sua família não era religiosa, mas respeitava as tradições, e seu pai foi atuante na comunidade. A morte da mãe, quando ainda era menino, aproximou-o da cultura religiosa judaica, desde os compromissos das orações pela perda e também como companheiro do pai, sempre presente na sinagoga.

A sinagoga Centro Israelita, da qual seu pai fora um dos fundadores, foi uma presença constante em sua infância; também frequentou a sinagoga União Israelita, na qual, ainda menino, fez parte do coro que entoava as orações durante *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*; tais instituições, além do colégio judaico onde cursou seus primeiros anos escolares, fortaleceram seu caráter judaico. Participava com alegria dos festejos de *Simcha Torah*, de *Purim* e das demais comemorações.

Em suas recordações da infância, é sempre lembrado o bairro Bom Fim, reduto dos judeus *askenazim*, onde as ruas ainda não eram calçadas e a luz elétrica não chegara. Trazia-lhe prazer recordar as reuniões familiares para o preparo da *matzá* e também do vinho doméstico para o *Pessach* no quintal da casa, a roupa e os sapatos novos e a ida ao barbeiro a fim de se preparar para comemorações na sinagoga, as visitas entre vizinhos, parentes ou conhecidos, que trocavam experiências e relembavam histórias enquanto tomavam uma xícara de chá ou mascavam sementes de girassol. Em depoimento,<sup>9</sup> avalia simplesmente: “... nós fomos criados no bairro Bom Fim, na (rua) Henrique Dias, na zona *ídiche* e com todo o ambiente judeu...”.

As recordações são inúmeras – festas de casamento, *B’nai Mitzva*, a música sempre presente, o teatro *ídiche* que assistia com o pai no principal teatro de Porto Alegre, o São Pedro, sempre lotado: “(...) nós não perdíamos nenhum espetáculo (...)”.

Para ele, o Bairro Bom Fim e a sinagoga foram “... uma coisa muito importante, pelo menos na minha vida e na minha formação judaica...”. Mas também considera de suma importância a escola, onde, além das aulas, participava das apresentações teatrais, o grupo de escoteiros judeus do qual fez parte, o compromisso escolar de percorrer as residências de judeus do bairro para recolher, com colegas, as moedas depositadas nas caixinhas azuis e brancas do *Keren Kaiemet*. Bairro, sinagoga e escola eram os polos em torno dos quais Eizirik transitou grande parte de sua vida.

As dificuldades econômicas no lar levaram-no a trabalhar desde muito cedo, passando a estudar à noite. Foi vendedor, fez clientela, foi obrigado a deixar os estudos por um tempo, prestou exames sem a idade mínima exigida em seu ciclo estudantil, refez os exames no tempo certo, sendo aprovado, ingressou no Exército, realizou cursos, mas não

permaneceu por muito tempo na instituição. Prestou concurso para a Viação Férrea do Estado, foi aprovado e designado para o interior; transferido para a Capital, demitiu-se, pois se aproximara da medicina através do recém-criado Curso Pré-Médico noturno. O exame vestibular garantiu-lhe a vaga na Faculdade de Medicina, e, para frequentar as aulas, criou um curso onde, à noite, dava aulas.

Como médico, especializou-se em pediatria, dedicando-se a doenças alérgicas. Durante anos, dividiu-se entre o atendimento de pacientes em seu consultório e a participação em diretorias ligadas à sua área de especialização médica. Fundou, em Porto Alegre, o Departamento de Alergia na Associação Médica Gaúcha e organizou congressos em âmbito nacional. Na imprensa, colaborou com publicações da área da pediatria e doenças de fundo alérgico.

Paralelamente à atividade profissional médica, manteve sua atuação na comunidade judaica gaúcha e fora dela. Começou a publicar, na imprensa, crônicas sobre assuntos judaicos, tornando-se representante do *Jornal Israelita*, publicado no Rio de Janeiro. Seu futuro como cronista da história judaica no Rio Grande do Sul aproximava-se.

Sua dupla atividade (profissional e comunitária) recebia o aval da esposa Paulina. A história do relacionamento entre Paulina e Moysés Eizirik iniciara quando ambos eram estudantes do Curso Pré-Médico, ele, voltado para a medicina, ela, para a odontologia. Constituíram uma família, e ela esteve sempre à frente de seus interesses. À família dedicou suas obras e afirmou com convicção: “(...) aqui em casa sempre foi um ambiente judaico”.

A atividade comunitária de Eizirik intensificou-se nos anos de 1940 e na década seguinte; o período do Movimento Integralista, a Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra levaram-no a uma intensa participação. Tornou-se presidente da Organização

Sionista Unificada, cargo para o qual foi reeleito.

Em três direções, que se entrecruzavam, girou a vida de Eizirik: a família, o exercício da medicina e a vida comunitária judaica.

Respondia que havia redigido seus livros sobre as comunidades judaicas no Rio Grande do Sul de maneira simples: “(...) nunca tive a menor ideia de escrever um livro (...)”. E justificava que acatara a argumentação do filho e também da nora, que consideravam que as histórias que ele contava para a família mereciam alcançar um público maior, pois, afinal, eram as histórias dos membros destas comunidades.

Desse modo, entre os elementos que fizeram amadurecer o cronista da história dos judeus gaúchos, pode-se destacar: a memória privilegiada de Eizirik, sua rica experiência comunitária no bairro Bom Fim, a experiência adquirida na redação de crônicas sobre assuntos judaicos, a participação nas instituições comunitárias, sua viagem a Israel em 1958 (que o levou a escrever artigos na imprensa gaúcha), o momento de renovação da história vivido nos anos de 1980 e, acima de tudo, a vontade que o levou a buscar outras histórias, outros testemunhos. Saiu do bairro Bom Fim, ampliou sua necessidade de conhecimento, foi a outras paragens, e aquela concepção que guardava sobre nunca ter pretendido escrever um livro foi substituída por um desejo: “(...) era uma coisa que eu tinha, senti necessidade de deixar um registro, de escrever para ficar”.

E, realmente, ficou: seus livros são um marco na construção da história dos judeus no Sul, elaborados a partir de pesquisa oral e em arquivos institucionais em âmbito nacional e internacional.

Foi um homem do seu tempo, trazia potencialidades, uma identidade judaica fortalecida através dos anos e das experiências pelas quais passara, aptidões que lhe permitiram tornar-se o gestor da

história judaica no Rio Grande do Sul.

Reverenciamos sua memória com gratidão, por ter preservado aspectos da vida dos imigrantes judeus que vieram para o sul do Brasil, através do levantamento histórico das instituições que criaram, de relatos sobre diversas temáticas referentes ao modo de vida que criaram em seu novo lar, fazendo uso do recurso de crônicas ou da identificação de personagens e fatos.

## NOTAS

1 SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. *As Missões Orientais e Seus Antigos Domínios*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1979; LASSANCE CUNHA, Ernesto Antônio. *O Rio Grande do Sul: Contribuição para o Estudo de suas Condições Econômicas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908. p. 243-278; BACK, Léon. Comunidades Judaicas. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas: Editora atual, v. 4, p. 320-333, 1957. Rio Grande Atual.

2 ZVI YUSSIM. *Rio Grande do Sul; Porto Alegre: Origem e Evolução da Comunidade Judaica em Porto Alegre*. Rio de Janeiro: s/e, 1957.

3 TILL, E. Rodrigues. Os Judeus no Rio Grande do Sul. Esboço de Uma Perspectiva Histórica. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 04 maio de 1968. Caderno de Sábado.

4 LAYTANO, Dante de. Pequeno Estudo da Influência dos Judeus na História Luso-Brasileira. Com um capítulo referente aos Judeus no Rio Grande do Sul e algumas considerações sobre a conjuntura do problema do judeu no Brasil atual. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 5 jan. de 1974.

5 ALEXANDR, Frida. *Filipson: Histórias da Primeira Colônia Judaica no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Fulgor, 1967; NICOLAIEWSKY, Eva. *Israelitas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1975; IOLOVJTCH, Marcos. *Numa Clara Manhã de Abril*. Porto Alegre: Movimento, 1987; SCHWEJDSON, Jacques. *Saga Judaica na Ilha do Desterro*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989;

FAERMANN, Martha Pargendler. *A Promessa Cumprida: histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Metrópole, 1990; STEIN, Eva. *Minha Vida*. Porto Alegre: Projeto Gráfico – Inteligência de Comunicação, 1997; VERBA, Arão. *Resgatando a Memória da Primeira Imigração Judaica para o Brasil: Colônia de Phillipson*. s/l: s/e, 1997.

6 EIZIRIK, Moisés. *Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

7 EIZIRIK, Moisés. *Imigrantes Judeus: relatos, crônicas e perfis*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1986.

8 EIZIRIK, Moisés. *Memórias da Vida Judaica: personagens, episódios e instituições gaúchas*. Porto Alegre: EST, 2007.

9 EIZIRIK, Moisés. Depto de Memória/ICJMC. Porto Alegre, 14 de março de 1990. Entrevista a Ester Golandinski. N. 290.

EIZIRIK, Moisés. "Memorialista Étnico". Depoimento concedido a Ieda Gutfreind. Porto Alegre, 17 de abril de 1998.

EIZIRIK, Moisés. "Movimento Sionista". Depoimento concedido a Ieda Gutfreind Porto Alegre, 16 de agosto de 2000.

Recebido em 26/06/12

Aceito em 18/07/12